

A artista que não tem nome é uma inventora

E me diz assim: “Hoje eu esqueci de acordar; Me perdi no tempo indo para a escola; Eu vi um cachorro comendo um olho de um boi no café da manhã; Dizem que Darwin diz que é a lei da seleção natural; Dizem que a origem da vida vem da sopa, do caldo Knorr; Dizem que a origem da vida vem da sopa caldo Knorr; Andam dizendo demais e não prestam atenção no chão; Andam dizendo demais e não prestam... É tanta pressão de mutação... Sou uma transgente; Matemática orgânica; ou desumana; Sou tão visceral...”

"Você é a estrela mais brilhante da minha constelação; Quero ver você a todo instante; Quando estamos juntos perco a razão; Onde você for eu vou também; Em todas as línguas eu quero dizer o quanto eu gosto de você..."

Existem artistas que transformam o seu viver em arte. Eles reinventam e inventam a arte. Mas poucos conseguem transcender ao misturar vida e arte. São divagantes por natureza os seres poetas. Poesia que não se dá sobre o papel ou a arte que não se materializa em uma pintura ou não se conforma em uma escultura. Tampouco sobre o papel. Há arte que não dá em forma nenhuma. Em nenhuma cor.

Tudo isto está aí para os nossos olhos. Está na própria vivência. Em uma vivência artística. No próprio corpo do artista. A arte estaria na arte de viver.

Pode parecer pouco apenas divagar nos pensamentos. Ser também um pouco artista ao escrever este texto aparentemente sem sentido. Pode parecer um truque por não ter o que escrever diante da própria arte. Da verdadeira arte. Mas, mais do que apresentar um desenho, uma obra em si, material ou conceitual, pode não dar em nada. Ou pode dar, sim, em algo.

Apenas cantar e tocar um instrumento musical pode ser sim a obra de um artista.

Sara Não tem Nome é dessas artistas que nasceram artistas. Não precisa se formar artista. A vida acadêmica é apenas uma condição imposta, mas não necessária para ser a artista. Artista tem que inventar, tem que carregar no seu ser a condição artística.

Comecei a escrever este texto ouvindo as músicas da artista Sara Não Tem Nome e transcrevendo para o meu texto as letras das músicas que ouvia. Mas houve aqui uma simbiose e não sei onde parei e comecei a escrever o meu próprio texto. Houve uma simbiose artística aqui.

Ao me deparar com os vídeos da artista na seleção do Bolsa Pampulha eles me “pegaram”. A comissão parou de falar e todos ficaram silenciosos diante do que se via e ouvia. Tocou-nos de forma profunda e foi unanimidade a sua seleção ao surgir já no final do processo seletivo.

O vídeo mais contundente é o da sua avó conversando com fotografias do seu neto ainda bebê. A velha senhora dava vida às fotos. Dava vida ao bebê quando levava comida à sua boca. Arrancou lágrimas ao expor-nos o inexorável da vida. A velhice e a loucura que pode nos acometer diante do inexorável da solidão que significa envelhecer.

É a ilusão o que nos mantém vivos no mundo. A ilusão deve ser mantida com graça.

Ricardo Resende